

## EDITORIAL

# DEZ ANOS DA CONTINENTES: CELEBRAÇÃO, BALANÇO, REFLEXÃO

Guilherme Ribeiro <sup>1</sup>

1

A revista Continentes vem a público celebrar dez anos de existência. Em um país onde fazer ciência significa uma aposta no escuro visando todavia iluminar o passado, o presente e o futuro, o objetivo dos seus fundadores sempre foi o de contribuir para o amplo e fértil movimento de criação de revistas de geografia desencadeado no país a partir da segunda metade dos anos 1990, tal como podemos observar por meio da trajetória da Espaço e Cultura (1995), GEOgraphia (1999), Mercator (2002), Confins (2006), Geograficidade (2011), Terra Brasilis (2012) e Espaço e Economia (2012). Ao mesmo tempo, a elaboração de nossa própria revista era uma maneira de apresentar à geografia brasileira parte dos trabalhos realizados pelos docentes dos cursos de licenciatura e bacharelado em geografia (recém-fundados no âmbito do REUNI em 2009) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e, em escala doméstica, estimular a leitura, a escrita e a publicação de textos por parte dos nossos alunos. Em 2015, a abertura do mestrado em geografia na mesma universidade representou ponto de inflexão ao fortalecer a relevância da Continentes e, dada sua progressiva participação na concorrida cena editorial nacional, não fez senão aumentar sua responsabilidade.

Tendo em vista que uma ocasião como essa nos convida a promover uma espécie de balanço, ao invés de fazê-lo em forma de auto-elogio aos autores, organizadores de dossiês e tradutores que passaram por suas páginas (a quem, evidentemente, agradecemos em sincero reconhecimento), optamos por esboçar um panorama da

---

<sup>1</sup> Professor do curso de geografia da UFRRJ desde 2011, co-fundador da *Continentes* e coordenador do lançamento do PPGGEO/UFRRJ em 2015.

geografia brasileira. Afinal, desde o número inaugural da Continentes em 2012, algumas mudanças são perceptíveis e merecem ser destacadas em, pelo menos, três níveis:

- (i) concernente aos temas e orientações de pesquisa, trata-se da emergência de artigos e livros associados às lutas raciais, feministas e LGBTQIA+ e da renovação do marxismo articulado a outras vertentes intelectuais como o pós-estruturalismo e a decolonialidade;
- (ii) em termos de geopolítica do conhecimento, a expansão dos programas de pós-graduação em escala nacional provocou rapidamente o fim das antigas hierarquias entre cursos e revistas ditos centrais e periféricos. A atual polifonia é uma das metamorfoses mais bem-vindas das últimas três décadas e favorece sobremaneira uma compreensão mais profunda capaz de fazer jus às realidades sócio-espaciais brasileiras;
- (iii) sob a ótica pedagógico-didática, o aumento exponencial da produção de livros (sobretudo no formato coletânea) e periódicos tem sido acompanhado por um desinteresse agudo pela leitura por parte dos discentes, fenômeno este agravado pelo impacto das redes sociais e pela digitalização do conhecimento. É possível entrever também a percepção estudantil segundo a qual os currículos dos cursos de graduação as práticas docentes precisam ser reformulados seja visando incorporar a agenda acima mencionada, seja elaborando novas linguagens capazes de driblar o descompasso entre professores e alunos.

Embora precário, tal panorama nos conduz a um desafio de monta: o entendimento amplo, pela comunidade geográfica, de que as conquistas alcançadas graças à multiplicação dos programas de mestrado e doutorado só poderão ser preservadas e ampliadas com o incremento à pesquisa. Como a pesquisa pensada a longo prazo só existe acompanhada de renovação geracional, uma das estratégias capaz de estimular um movimento em cadeia consiste em fazer das aulas espaços verdadeiramente consagrados à interrogação do conhecimento e não apenas à sua reprodução bancária

e mnemônica. Já que a dicotomia ensino e pesquisa continua a existir, revertê-la passa pelo entendimento de que a aula também é um laboratório de pesquisa. Essa proposta requer, de um lado, que os docentes tenham interesse genuíno pelo que os alunos têm a dizer a respeito deste ou daquele tema; de outro lado, que os discentes abandonem posturas passivas e passem a ser co-agentes do processo de ensino-aprendizagem. Às interrogações, lacunas e dúvidas surgidas em sala de aula, eu as nomearia de pesquisa e pesquisadores em gestação.

Ao associarmos o crescimento exponencial da geografia brasileira à sua necessária renovação geracional, outro desafio que nos vêm à mente é o da internacionalização. A comprovada qualidade dos geógrafos brasileiros infelizmente não tem tido o reconhecimento que merece no exterior. Ao não publicarmos em inglês (sem adentrar no mérito do idioma por razões de espaço), perdemos a oportunidade de questionar narrativas canônicas, exportar nosso *background*, influenciar outras tradições e chamar atenção para as interpretações aqui produzidas sobre o Brasil e o mundo em plena crise de paradigmas (clamando, portanto, por novas leituras) suscitada pela globalização.

Não poderia finalizar esse editorial sem deixar de grifar que, em tempos de digitalização da vida e ascensão da extrema-direita, poucas saídas políticas e intelectuais são tão valiosas quanto as oriundas das Humanidades. Aprofundada pela mundialização do capitalismo neoliberal nos últimos cinquenta anos, a tragédia social na qual estamos mergulhados não possui diagnóstico e tampouco alternativa fora de um mergulho profundo nos condicionantes históricos e culturais, políticos e econômicos, filosóficos e simbólicos responsáveis pelo atual estado de coisas. Aos que depositam alguma esperança nessa utopia, o Brasil e suas comunidades indígenas, camponeses sem-terra, negros urbanos e mulheres periféricas, sofrendo na pele os efeitos de quinhentos anos de necropolítica, têm muito a ensinar.

Que a Continentes saiba extrair as lições de uma geografia que ainda está por vir.